

## **A renda básica sempre foi uma causa feminina**

**Article by Natalie Bennett**

April 24, 2020

O vibrante debate em torno da questão da renda básica muitas vezes negligenciou um aspecto crucial: a dinâmica de gênero. Em uma sociedade profundamente marcada por gênero, como uma renda básica poderia impactar homens e mulheres de maneira diferente? A renda básica poderia ser aproveitada como uma ferramenta na luta pelos direitos das mulheres? Trazer uma perspectiva feminista para a discussão da renda básica coloca em primeiro plano um conjunto distinto de preocupações e virtudes da proposta. Natalie Bennett recorda a longa 20<sup>th</sup> história -century das lutas das mulheres no Reino Unido para fazer o caso feminista para uma renda básica universal.

É revelador que, pelo menos no Reino Unido, as mulheres estavam na vanguarda das primeiras campanhas por uma renda básica universal. [1] Foi até alegado, com alguma justificativa, que Virginia Woolf, ao afirmar a necessidade de uma mulher de 500 libras por ano e uma sala própria, estava estabelecendo pelo menos o caso de uma renda básica universal, se ainda não um modelo para isso.

A ativista Lady Juliet Rhys-Williams, com histórico pré-Segunda Guerra Mundial em maternidade e bem-estar infantil, definiu a renda básica universal como uma alternativa menos discriminatória e baseada em trabalho para o modelo estadual Beveridge do Reino Unido em seu livro *Something To Await anxiously* em 1943. [2] No entanto, o modelo de Beveridge (segundo o qual as rendas como pensões são baseadas em contribuições e não em necessidade – algo que prendeu mulheres mais velhas com muita pobreza) triunfou, voltado para as necessidades da economia capitalista de crescimento. O arquiteto do modelo, William Beveridge, sofreu um ataque significativo de várias mulheres por esses aspectos de seus planos, notavelmente de Elizabeth Abbot e Katherine Bompas, da organização de mulheres do sufrágio Women's Freedom League, que disse ser “o plano de um homem para o homem”. Mas o Partido Trabalhista que entregaria os planos – e certamente os conservadores que aceitariam isso por décadas – dificilmente aceitaria esse desafio e agia de acordo com ele.

É importante continuar destacando essa história hoje, quando os bilionários masculinos da tecnologia, como [Elon Musk](#), [Sam Altman](#), e seus semelhantes, estão criando um impacto com sua defesa da renda básica universal por uma (possível) era de triunfo tecnológico. Muitas mulheres vieram primeiro e não devem ser esquecidas.

### **Como surgiu a visão feminista da renda básica**

Muitas vezes, foram as mulheres que, no Reino Unido, continuaram a pressionar pela renda universal ao longo das décadas que se seguiram. Isso incluiu mais notavelmente a campanha de sucesso para um benefício infantil universal, introduzido em 1946, liderado pelo membro do parlamento forte e determinado Eleanor Rathbone. Esse benefício universal foi apenas recentemente (em 2013) e, desgraçadamente, caiu com pouca fanfarra, sob o governo de coalizão dos partidos conservador e liberal-democrata de 2010-2015. As campanhas, no entanto, nunca conseguiram realmente o apoio além do apoio às crianças (e implicitamente suas mães) ao público ou aos maiores partidos políticos maciçamente dominados pelos homens, o que, no sistema britânico vencedor-leva-tudo, primeiro para o pós-eleitorado. são os únicos que conseguiram introduzir mudanças estruturais.

O argumento feminista para uma renda básica universal geralmente começa, como Flanigan, com o fato de que as mulheres no Reino Unido, como em todo o mundo, são mais propensas que os homens a serem pobres.

No entanto, o impulso continuou. Em 1984, o Conselho Nacional de Organizações Voluntárias do Reino Unido propôs uma renda básica universal, dizendo que as mulheres seriam as principais beneficiárias, não mais dependentes dos ganhos do marido (junto com os desempregados, que não seriam apanhados no que hoje chamar ‘armadilhas de benefícios’). [3] Em 2001, a Filósofa Ingrid Robeyns voltou a defender a renda básica universal, apontando como os estados de bem-estar social da Europa Ocidental se desenvolveram em uma idade muito diferente, um emprego estável e seguro e casamentos, e uma divisão de trabalho altamente sexualizada. , com homens alocados para o papel de ganhar pão.

Nos últimos anos, o caso feminista, como o caso mais amplo, da renda básica universal vem ganhando força. A acadêmica da Universidade de Richmond, Jessica Flanigan, escreveu em um jornal de escolha da milénar, *Slate*, que é uma “causa feminista”. O argumento feminista para uma renda básica universal geralmente começa, como Flanigan, com o fato de que as mulheres no Reino Unido, como em todo o mundo, são mais propensas que os homens a serem pobres. Mas em seu coração está o fato de que as mulheres são mais propensas a serem responsáveis pelo cuidado dos jovens e dos idosos, trabalho que muitas vezes é inteiramente não remunerado, às vezes não escolhido e não respeitado. A frase “Eu sou apenas uma dona de casa” foi ouvida com frequência trinta a quarenta anos atrás. Isso pode ser menos o caso agora, pelo menos no discurso público “polido”, mas isso não significa que essas responsabilidades de cuidado tenham sido adequadamente respeitadas ou valorizadas, seja na vida dos indivíduos ou no nível nacional (na forma de PIB).

Essa não é uma situação nova, mas as pressões da vida de um cuidador, em um mundo no qual as pessoas estão sendo cada vez mais “vendidas”, para ser um “produto”, estarem sempre prontas para aproveitar oportunidades, tornaram-se mais agudas. do que nunca. Uma vida difícil de pobreza, cuidar de pais idosos, um marido ou mulher enfermo, ou uma criança deficiente, deixa pouco espaço para uma conta no Instagram ou Facebook, o desenvolvimento de um “visual” ou uma “marca” ou o otimismo. a maneira e o tipo de ‘habilidades pessoais ‘ exigidas agora mesmo para muitos empregos de salário mínimo. Igualmente com a natureza do emprego moderno. Pode parecer que a economia gig presta-se para se ajustar às demandas das responsabilidades de cuidar, mas, ao contrário, espera-se que cada vez mais seus trabalhadores se encaixem em suas vidas em torno de suas demandas.

## **Promovendo a solidariedade**

Também tem havido um foco crescente na maneira pela qual uma renda básica universal poderia lidar com a falta de poder da pobreza e da miséria (que resulta de um sistema de bem-estar do Reino Unido cada vez mais ameaçado). Com as sanções que afetam quase um em cada quatro beneficiários de Jobseekers entre 2011 e 2015, e benefícios de 132 milhões de libras esterlinas sendo retidos apenas em 2015, o desespero é uma condição muito familiar em muitas comunidades, com as mulheres muitas vezes sendo deixadas para escolher as peças.

E são os mais vulneráveis que provavelmente sofrerão mais. A vice-líder do Partido Verde da Inglaterra e País de Gales, Amelia Womack, escreveu on-line no jornal britânico *The Independent* em 2018 sobre o valor da renda básica universal para algumas das mulheres mais vulneráveis da sociedade: vítimas de violência doméstica e abuso. Por outro lado, o sistema de crédito universal que está sendo implementado pelo Partido Conservador vê os pagamentos das famílias sendo todos agregados em um (exceto por solicitação especial), tornando ainda mais difícil para as mulheres vulneráveis escaparem de situações abusivas.

Um estudo alemão descobriu que a incapacidade de atender às demandas de emprego, e particularmente a falta de oportunidades devido à discriminação por parte dos empregadores, impedia homens e mulheres mais velhos de

permanecer no mercado de trabalho quando desejavam fazê-lo, frequentemente forçando-os a receber pensões em um nível mais baixo. taxa mais cedo do que eles desejariam, condenando-os a uma idade avançada de pobreza e insegurança. [4] Esta é a situação de um grupo de mulheres conhecido como WASPI no Reino Unido (Women Against State Pension Inequality). Nascidos em larga escala nos anos 50, foram afetados adversamente pelo rápido aumento da idade de aposentadoria do estado, trazendo-os à igualdade com os homens (com os quais poucos argumentam como princípio), mas com pouco tempo para planejar e se preparar. aviso (e muitas vezes conhecimento pessoal) da mudança em suas circunstâncias. Uma renda básica universal garantiria que eles não fossem forçados a exigências humilhantes, muitas vezes prejudiciais à saúde, para o recebimento do benefício de desemprego muito baixo, com poucas chances de conseguir emprego.

Que uma renda básica universal possa facilitar o caminho para uma aposentadoria mais gradual, através de um processo gradual de desengajamento gradual do trabalho assalariado, não é um ponto particularmente feminista, mas é significativo para muitas mulheres.

Existem outros grupos de mulheres que podem se beneficiar particularmente: aqueles que trabalham em empregos de baixa remuneração, com baixas taxas de sindicalização e sindicatos relativamente desdentados que os representam, como trabalhadores de lojas e faxineiros. Isso se aplica particularmente, mas não exclusivamente, no caso do Reino Unido, com sua legislação anti-sindical altamente repressiva.

## **Nenhuma cura milagrosa para todos os males da sociedade**

Há, deve ser reconhecido, um caso genuíno e progressivo feito em alguns setores contra a renda básica universal a partir de uma perspectiva feminista. A principal reivindicação é que, ao garantir a subsistência básica das mulheres, elas podem ser ainda mais expostas do que às pressões sociais para assumir cuidados não remunerados e até mesmo responsabilidades comunitárias, condenando-os a vidas de baixa renda, oportunidades limitadas e status inferior. . O caso foi feito há duas décadas que uma das primeiras formas de licença parental prolongada na Bélgica, um pagamento de até três anos durante a interrupção da carreira, era – como seria de esperar na virada do século – principalmente tomada por mulheres. . [5]

Uma luta pela renda básica universal precisa ser combinada com a luta por uma partilha equitativa das responsabilidades de cuidado

Isso, no entanto, traz um ponto muito amplo e importante sobre a renda básica universal. Não é uma panacéia, uma solução para todos os males da sociedade, incluindo a misoginia, a discriminação e a falta de respeito pelos papéis comunitários e de cuidado. Poucos de seus proponentes sugeriram que é. Assim, em alguns aspectos, este é um argumento de “mulher de palha”, embora destaque que a luta pela renda básica universal precisa ser combinada com a luta por um compartilhamento equitativo dessas responsabilidades – pela licença parental compartilhada, pelo respeito. pelo papel e dificuldades de cuidar, e reconhecimento adequado por empregadores, famílias e sociedade em geral.

Como argumentado em outra parte contra aqueles que sugerem que a renda básica universal poderia representar uma ameaça aos serviços básicos universais, a renda básica universal apenas ameaçaria impor uma ideologia de mulheres sendo forçadas a assumirem seus deveres domésticos e assistenciais em uma sociedade com política por meio da qual isso poderia ser concebível. aceitável. Em uma sociedade equitativa, ou em uma que trabalha pela igualdade de gênero, tal afirmação não resistiria ao escrutínio.

Pode-se argumentar, então, que a luta por uma renda básica universal é uma luta para todos os grupos feministas e feministas. Reconhecendo que todos os membros da sociedade merecem uma parcela básica justa de seus recursos, suficiente para satisfazer suas necessidades básicas, porque todos eles contribuem de alguma forma para ela por sua

existência, fortalece a posição das mulheres e todas as suas outras lutas: como trabalhadores, como membros da família, como pessoas que precisam de respeito, bem como recursos materiais. Quando as mulheres conseguiram a votação em 1928 no Reino Unido, muitos pensaram que estavam bem no caminho para respeitar as contribuições das mulheres à sociedade. É óbvio que o progresso tem sido glacial desde então, e uma renda básica universal para todos poderia ser um passo importante adiante nesse caminho.

---

## Footnotes

[1] Sloman, P. (2015). "A rival de Beveridge: Juliet Rhys-Williams e a campanha pela renda básica, 1942-55", *Contemporary British History*, pp. 203-223.

[2] Sloman, op cit, p. 203.

[3] Hencke, D. "Renda básica 'deve substituir os benefícios' *The Guardian* (1959-2003); 31 de julho de 1984; Jornais Históricos da ProQuest: *The Guardian e The Observer*, p. 4

[4] Wübbecke, CJ (2013). "Desempregados mais velhos na encruzilhada entre a vida profissional e a aposentadoria: razões para sua saída do mercado de trabalho," *Labor Market Res* . 46: 61.

[5] Robeyns, op cit, p.85.

---



Natalie Bennett is a British politician and journalist who led the Green Party of England and Wales from September 2012 to September 2016. She is a member of the Board of Directors of the Green European Foundation.

Published April 24, 2020

Article in Portuguese

Translation available in English

Published in the *Green European Journal*

Downloaded from <https://www.greeneuropeanjournal.eu/a-renda-basica-sempre-foi-uma-causa-feminina/>

*The Green European Journal offers analysis on current affairs, political ecology and the struggle for an alternative Europe. In print and online, the journal works to create an inclusive, multilingual and independent media space.*

*Sign up to the newsletter to receive our monthly Editor's Picks.*